

Atravessamentos da Covid-19 em uma pesquisa interventiva com estudantes da Iniciação Científica do Ensino Médio

Atravesamientos de la Covid-19 en una investigación intervencionista con estudiantes de la Iniciación Científica de la Escuela Secundaria

Simone Cristina de Amorim
Marcos Roberto Vieira Garcia
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Sorocaba - SP - Brasil

Resumo

Este artigo discute atravessamentos de la Covid-19 em um campo de pesquisa com estudantes de Iniciação Científica do Ensino Médio (IC-EM), que precisou ser readequado para a forma remota. As múltiplas vulnerabilidades dos jovens, compreendidas a partir de uma base multicultural em direitos humanos (MDH), demandaram temas preventivos à Covid-19, na pesquisa interventiva, segundo condições econômicas, gênero, raça, idade, dentre outras. Dificuldades relacionadas à saúde mental foram particularmente relevantes. A análise no referencial deleuzoguattariano revelou o medo, 'a clareza', o poder e o desgosto, na experimentação forçada com o SARS-CoV2. O apoio aos IC-EM contribuiu para o enfrentamento dos perigos desta pandemia como parte da formação, educou para o extracampo da pesquisa e fez circular as potências desejantes dos IC-EM.

Palavras-chave: Pesquisa interventiva; Covid-19; Iniciação Científica do Ensino Médio

Resumen

Este artículo discute atravesamientos del Covid-19 en un campo de investigación con estudiantes de la Iniciación Científica de la Escuela Secundaria (IC-EM), que necesitó ser reajustado a la forma remota. Las múltiples vulnerabilidades de los jóvenes, entendido desde una base multicultural en derechos humanos (MDH) exigió temas preventivos a la Covid-19, en la investigación intervencionista, según condiciones económicas, género, raza, edad, entre otros. Dificultades relacionadas a la salud mental fueron particularmente relevantes. El análisis en el marco deleuzoguattariano reveló el miedo, la 'claridad', el poder y el disgusto, en la experimentación forzada con el SARS-CoV2. El apoyo a los IC-EM contribuyó para el enfrentamiento de los peligros de esta pandemia como parte de la formación, educó para el extracampo de la investigación y hizo circular las potencias deseantes del IC-EM.

Palabras clave: Investigación intervencionista; Covid-19; Iniciación Científica de la Escuela Secundaria

Introdução

O cenário da pesquisa temática

Com a chegada da pandemia da Covid-19 os imprevistos foram inevitavelmente coextensivos às pesquisas de campo. A pesquisa de doutorado que gerou o presente artigo está inserida em uma grande pesquisa temática com mais de 50 membros, denominada: “Vulnerabilidades de jovens às IST/HIV e à violência entre parceiros: avaliação de intervenções psicossociais baseadas nos direitos humanos”¹ que, então, consoante com a integralidade da prevenção (AYRES, PAIVA; FRANÇA JÚNIOR, 2012) passou a incluir o projeto “A construção da resposta à epidemia de Covid-19 com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social” em seu escopo.

A pesquisa temática vem ocorrendo no campo desde 2019, em três cidades do Estado de São Paulo, com a sede e a coordenação principal centralizadas em uma universidade estadual, além de duas coordenações regionais em universidades federais. Conta com pesquisas regionais, de pós-doutorados, doutorados, mestrados, iniciações científicas e Iniciações Científicas do Ensino Médio (IC-EM), dentre outros.

Este artigo se iniciará por uma caracterização da pesquisa temática e dos atravessamentos do SARS-CoV2/Covid-19 no campo escolar pesquisado junto com os IC-EM todos. Em seguida mostrará algumas das especificidades de análise do doutorado em andamento no campo local. Vale notar que todas as pesquisas articuladas do projeto temático têm em comum serem interventivas e partem de uma base multicultural em direitos humanos (MDH). Os dados são produzidos e coproduzidos. Paiva et al (2021) defendem que ‘toda coleta de dados tem efeito interventivo’. E toda a produção de dados esbarra em aspectos multiculturais e, nesta pesquisa, tem a ver com a constituição do período histórico-cultural recente, tecnológico e político.

Ao tratar da integralidade da prevenção a pesquisa temática parte da noção de vulnerabilidade, Ayres, Paiva e França Júnior (2012) demonstram que o termo vulnerabilidade emergiu no contexto das construções de respostas à epidemia de HIV/Aids, no âmbito da Saúde Pública. Embora a noção de vulnerabilidade tenha uma dimensão ‘individual’ e intersubjetiva, o que a caracteriza está na inseparabilidade entre aspectos que suscetibilizam cada pessoa, em suas interações sociais, ao adoecimento ou a agravos e,

também, na maior ou menor disponibilidade de recursos para proteção. Isto permite afirmar que há uma inter-relação de aspectos governamentais em seu escopo. Deste modo, as três dimensões (1) (inter)pessoal, (2) social e (3) programática da vulnerabilidade estão necessariamente implicadas.

A dimensão ‘individual’ não se restringe a uma pessoa, mas traz suas interações intersubjetivas cotidianas. A dimensão social não se restringe a alguma das relações econômicas, de gênero, raciais, intergeracionais, religiosas, de exclusão, mas trata dos aspectos contextuais da interação social em seus cenários institucionais, culturais e políticos, nas interações econômicas, de gênero, étnico-raciais, intergeracionais, (inter)religiosas, que conformam vulnerabilidades individuais, então, têm a ver com mobilizações contra a discriminação e com definições locais de cidadania. A dimensão programática não se restringe aos serviços de saúde, mas a toda a interação entre usuários dos serviços e profissionais que, por sua vez, dependem dos governos locais e das políticas públicas para propiciar que a dinâmica do processo saúde-doença-cuidado tenha respostas capazes de superar as desigualdades dadas nas outras dimensões (AYRES, PAIVA; FRANÇA JÚNIOR, 2012). As políticas, instituições e programas podem tanto reduzir quanto reproduzir ou aumentar as condições de vulnerabilidade das pessoas em seus contextos (AYRES, PAIVA; FRANÇA JÚNIOR, 2012).

No intuito de identificar quais das múltiplas vulnerabilidades atingiram mais aos estudantes do ensino médio e em quê medida, foi feito um questionário, aplicado em 09 escolas de ensino médio regular e ensino técnico do Estado de São Paulo. Este questionário versou sobre a caracterização sociodemográfica, o uso de internet, a saúde sexual e reprodutiva, a discriminação e o preconceito na escola e na internet, saúde mental, além de uma etapa final com questões abertas e sobre o próprio questionário. Foi respondido por 719 estudantes das três cidades, 146 de Sorocaba. E a produção de dados do questionário permitiu a consolidação de um estudo preliminar quantificado ainda antes da pandemia. O preparo, aplicação e avaliação das ressonâncias da aplicação do questionário nas escolas pode suscitar conversas que funcionaram para identificar qual vulnerabilidade atinge mais aos jovens desta ou daquela comunidade escolar, para com isso possibilitar estratégias interventivas.

A interventividade da pesquisa busca ‘na’ e ‘com a’ comunidade escolar, articular as três dimensões da vulnerabilidade através das estratégias de produção de dados, escuta e circulação de informações que mostrem a interferência das condições econômicas, de gênero, raça, idade, culturais, dentre outras, na saúde integral, com suporte ao grupo de IC-EM a partir de orientações sobre serviços de saúde, políticas públicas regionalizadas e estratégias grupais e territoriais de apoio.

Os IC-EM inseridos nas equipes têm uma formação em pesquisa, que propicia a entrada em um ambiente com cultura de produção acadêmica, noções básicas de ética com seres humanos, processos de consentimento e assentimento, debates interdisciplinares, metodológicos, e alguns instrumentais como questionários, diários de campo, relatórios e, também, conversas sobre formatos e a viabilização dos meios de divulgação e disseminação da pesquisa entre os envolvidos da comunidade escolar. Com isso pretende-se identificar quais das múltiplas vulnerabilidades dos jovens estão mais presentes nesta ou naquela escola, neste ou naquele grupo e criar estratégias impessoais de mitigação e/ou orientações sobre encaminhamentos.

A pesquisa de doutorado e suas especificidades

O doutorado em andamento que aqui se apresenta em parte, acompanha o trajeto de pesquisa temática nos encontros com os pesquisadores da IC-EM nas escolas, nos encontros grupais, presenciais ou remotos por webconferências; se compõe com conversas individuais, registros dos encontros e estratégias para disseminação da pesquisa na comunidade escolar. Se apoia na pesquisa empírica, nos diálogos e estudos da bagagem multicultural dos direitos humanos e sua especificidade analítica está balizada no referencial deleuzoguattariano. Neste artigo a referência para a análise está em passagens do texto “1933 – Micropolítica e segmentaridade”, de Deleuze e Guattari (1996), que traz uma experimentação dada a partir das superações de momentos de medo, ‘clareza’, deslumbramento com o poder, e também com o desgosto, então aqui voltados para a questão do SARS-CoV2 e desta pandemia da Covid-19, em implicações ‘epidêmicas’ e locais, de como a equipe, os IC-EM e seus próximos lidaram com a situação.

Assim este artigo aborda atravessamentos da pandemia da Covid-19 no campo de pesquisa de Sorocaba, em doutorado vinculado à pesquisa temática e em andamento no Programa de Pós Graduação em Educação, da UFSCar-So, com título em revisão, que faz um

acompanhamento local do campo de pesquisas com estudantes de Iniciação Científica do Ensino Médio (IC-EM), em escolas de ensino médio regular e/ou técnico e precisou ser readequado, em parte, para o modelo remoto na ocasião de recrudescimento desta pandemia.

Atravessamentos da Covid-19 na pesquisa temática

Para o campo de pesquisa de Sorocaba, pouco após o início do 2º semestre de 2019, anterior à pandemia e depois de pactuação com os dirigentes das escolas, as atividades de formação dos IC-EM e de pesquisa foram iniciadas nas escolas da região. Houve encontros semanais dos membros acadêmicos de variados níveis com os IC-EM, no intuito comum de aproximá-los ao universo científico, com oficina de elaboração de dados básicos do currículo *lattes*, informações sobre os documentos para certificação, debate das impressões sobre o questionário que seria aplicado nas escolas (anterior à aplicação), ética com seres humanos, sigilo, consentimento (pais e etc.) e assentimento (estudantes).

Na ocasião da aplicação do questionário da pesquisa temática sobre múltiplas vulnerabilidades de jovens, o grupo local de IC-EM de cada uma das escolas realizou: passagem nas salas de aula dos alunos dos terceiros anos para divulgar a aplicação do questionário, entrega de documento assinado pela coordenação de pesquisa para consentimento e assentimento, aviso da aplicação do questionário, apoio das atividades de organização na data de aplicação do questionário e na “reescapagem” para alunos faltosos ou que haviam esquecido o documento do consentimento e/ou assentimento; além de posterior avaliação dos efeitos da aplicação do questionário com colegas da escola e junto à equipe de pesquisa.

O cronograma das atividades seguia seu curso em 2019 com poucos ajustes e, para o ano seguinte, 2020, as oficinas de prevenção de IST/HIV, discriminação e afins estavam sendo planejadas junto com outras estratégias psicossociais e presenciais interventivas, quando a Covid-19 chegou ao Brasil e, em março de 2020 atravessou as atividades de pesquisa de tal modo que impossibilitou a continuidade das atividades presenciais. Com a circulação do SARS-CoV2 e o aumento das pessoas acometidas por Covid-19, não só o cronograma da pesquisa se desorganizou, como exigiu alteração em seus protocolos. E a pandemia afetou direta ou indiretamente a todos, de modo que as atividades precisaram ser retomadas no modelo remoto.

Em um cenário que exige mobilização, ainda que por meio digital, Paiva et al (2021) insistem em utilizar o termo “distanciamento físico” com coesão social, estes autores, prioritariamente de São Paulo, capital, observaram que os alunos do estudo ficaram ansiosos para encontrar amigos e namorar, e tiveram dificuldades vindas dos limites estruturais para manter o distanciamento. Alguns passaram por violência de gênero e sexualidade; porém, ao mesmo tempo, coproduziram práticas preventivas dialógicas e combinaram a prevenção do SARS-CoV-2-Covid-19 com outras referentes à sexualidade, gênero, racismo e saúde mental, munidos de uma vida *on-line* solidária.

Desde o início da pandemia a impostura presidencial e de seus apoiadores teve espaço, em órgãos e produções midiáticas, teóricas e científicas nacionais e internacionais (HORTON, 2020; PAIVA, et al 2021) tripudiando em cima de medidas preventivas e com comprovação científica. Independentemente das incertezas das modalidades de volta às aulas, essa pandemia demonstrou ser necessário superar: abordagens que ignoram o contexto social e são de cunho individualista nas questões do sofrimento mental; genéricos de prevenção, que servem apenas de ponto de partida para começar as conversas locais; a separação dos determinantes psicossociais da prevenção; a história natural das doenças, e descrições e denúncias limitadas aos contextos socioeconômicos, culturais, raciais e de gênero. O objetivo se tornou, conforme Paiva et al (2021) a construção de respostas para intervir na história social da Covid-19.

Em meio às conversas da pesquisa, os IC-EM ampliam suas percepções naquilo que os vulnerabilizam e encontram suas respostas dentro de suas culturas e círculos sociais. Cada comunidade escolar tem suas especificidades de território, de história, de direção e coordenação, de seus professores e outros funcionários, e de seus estudantes e familiares. Nisso a longitudinalidade do acompanhamento através da equipe de pesquisadores acadêmicos e IC-EM de cada sítio de pesquisa, e de cada escola, podem propiciar conhecer melhor aos problemas e soluções que seus pares convocam. Por isso a pesquisa em campo que acompanha os processos com encontros grupais se faz necessária.

Promoção de saúde em uma abordagem psicossocial em tempos de Covid-19: especificidades da pesquisa de doutorado

Este doutorado em andamento² acompanha o campo junto aos IC-EM nas escolas e articula-se a outras pesquisas regionais do temático, de modo que analisa estratificações a

partir dos encontros, recorrendo, se necessário, ao questionário do temático. Ainda antes desta pandemia, no início do 2º semestre de 2019, e após reunião e autorização com os dirigentes das escolas, os IC-EM passaram a participar de grupos formativos com a equipe acadêmica, que se iniciaram na escola de ensino médio regular e na escola técnica, nas quais os objetivos preventivos da pesquisa foram apresentados e foi montada uma agenda presencial de encontros compatível com as atividades escolares em curso.

Porém, em março de 2020, com o aumento da circulação do SARS-CoV2 e dos adoecimentos por Covid-19 as aulas foram suspensas e a pesquisa também, temporariamente, por menos de um mês. Então as atividades remotas foram propostas pela equipe de pesquisa e aceitas com entusiasmo pelos IC-EM, que participaram ativamente, com câmeras frequentemente abertas. A pesquisa local seguiu seus encontros, na modalidade remota, em meio a um clima de estranheza e medo deste vírus.

Na apreensão de Deleuze e Guattari (1996) para esta pesquisa de doutorado e as implicações desta pandemia para a Educação, o medo de ser contaminado, o medo de adoecer e contaminar, o medo de morrer, o medo de perder pessoas queridas colocaram em pauta o temor da perda. Muito da segurança advinda do que é bem definido - e pode ser facilmente classificável entre 'o ser' e o 'não ser' - foi irremediavelmente abalado. Em um primeiro momento, um vírus além das pátrias, da moral, das religiões, das teorias e crenças, colocou em xeque planos, expectativas, vaidades, certezas íntimas e autopiedades. E em pouco tempo praticamente tudo passou a dizer respeito à Covid-19, os grupos aos quais pertencemos, o que sentimos, como nos transportamos, com quem moramos, a distância reservada ou não das pessoas, as ocasiões em que usamos máscaras, a tecnologia das máscaras a que tivemos acesso, nossos gestos, espirros, suores e perdigotos. O que fazemos com nossos calçados usados, ou a perícia com a qual lavamos nossas mãos passaram a ser o assunto da vez.

Saber os meios de contágio da Covid-19 propiciou viabilizar alternativas de rotina e medidas a serem tomadas. No período de março a abril de 2020, os meios de transmissão e de adoecimento já tinham tido ampla divulgação. Apesar das *fake news*, o clima de “entendi tudo” se espalhou na vida social. Quando uma pessoa perguntava: “esse álcool é 70%?” e a outra que respondia: “sim, mata corona!”, havia alguma tranquilização. Quanto mais o dado é pressuposto, mais deixa-nos tranquilos. Porém, o simples gesto de passar um álcool gel

nas mãos já não servia mais. ‘Precisa ter 70% de princípio ativo’, senão não é eficaz para a morte do vírus. Isso voltou a dizer respeito sobre a Covid-19, mas de outro jeito, de um jeito microscópico, micrométrico.

Com a retomada dos encontros na modalidade remota, uma das preocupações foi a de trazer, para além das recomendações de higiene, as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre ‘Saúde Mental e psicossocial diante do Coronavírus COVID-19’ (OMS, 2020) ao dia a dia dos IC-EM; essas orientações foram traduzidas, adaptadas e contextualizadas por pesquisadores do temático, e se deram no sentido de:

- 1) desinvestir na associação do coronavírus a alguma etnia ou nacionalidade;
- 2) evitar se referir às pessoas infectadas como ‘casos de coronavírus’, pois a infecção não define uma pessoa;
- 3) limitar a quantidade de informações catastróficas a alguns horários predeterminados no dia, com busca de fontes de informação seguras e preferencialmente que permitam tomar medidas práticas no cotidiano, para reduzir, com isso, o medo e a ansiedade;
- 4) oferecer apoio para as pessoas próximas e vizinhos, na busca de gerar solidariedade, mesmo que através de mensagens e telefonemas;
- 5) divulgar histórias de alívio, presenciadas por cada um, sobre pessoas que se ajudaram e se recuperaram da COVID-19;
- 6) reforçar medidas de higiene, isolamento ou distanciamento físico;
- 7) difundir o respeito aos trabalhadores da saúde e cuidadores, e inspirar-se neles para o manejo do sentir-se sob pressão;
- 8) priorizar tempo para cuidar de si em suas necessidades mais básicas apenas com estratégias úteis e já conhecidas de descanso, de comer comida suficiente e a mais saudável possível, de fazer atividades físicas e de não perder o contato com pessoas próximas, evitando estratégias arriscadas como o uso excessivo de cigarro, álcool e outras substâncias psicoativas que possam piorar seu estado físico, mental e emocional ao longo do tempo;
- 9) preferir formas compreensíveis de comunicação se for conversar com pessoas com prejuízos psicossociais ou ‘intelectuais, cognitivos’.

Ademais, as orientações da OMS (2020) para coordenadores de equipes, cuidadores de crianças, cuidadores de idosos, pessoas em isolamento físico e prevenção da circulação de *fake news* sobre a COVID-19 foram então voltadas para o âmbito escolar. E isso se deu em meio a confusão de informações circulantes já na pandemia da Covid-19. Paiva et al (2021) mostraram que embora a mídia tenha frequentemente disseminado mensagens dos ‘genéricos de prevenção’ com base científica sobre uso de máscaras, “distanciamento social” e higienização, fez o desfavor de reintroduzir a noção de “grupo de risco”, produtora de prejuízos e estigmas aos grupos que inicialmente haviam sido mais afetados na primeira década de respostas à aids. Além de ter induzido à crença falsa de que só os idosos corriam risco e os jovens não, pois não estão no “grupo de risco”; desconsiderou áreas urbanas e/ou periféricas com vida cotidiana aglomerada e os limites para a garantia do tal “distanciamento social” preconizado, na vida dos jovens dessas áreas, que enfrentam maior risco de serem infectados pelo ‘corona’.

Essa divulgação midiaticizada e genérica referenciada no arcabouço teórico-metodológico de outrora, aquele dos “grupos de risco” e, que, pretere o contexto atual ou das especificidades ‘populacionais’, tenta compensar o medo recém-descoberto, com certezas parciais anti-deseespero. Conforme o constatado nos apontamentos de Deleuze e Guattari (1996) sobre a “clareza”, não há mais tanto medo, em seu lugar disputam rotinas com medidas efetivas de proteção e a repetição de muitas e pequenas manias. A nova missão preventiva tem suas atribuições certas e, com elas, um novo sistema de checagens e inseguranças é instaurado. Lavagem das mãos, álcool 70% em gel ou borrifado, roupas usadas isoladas em sacolas e saquinhos ou postas para lavar, sapatos tirados para entrar em casa, uso de máscaras, limpeza de utensílios e superfícies. Os “genéricos de prevenção” foram questionados por Paiva et al (2021) nas campanhas do “fica em casa”, “use máscaras”, e “lave as mãos assim e assado” pois funcionam... para alguns. Para os que não têm máscaras, não têm casa, não têm como ficar em casa ou vivem em aglomerados urbanos, para os que sequer têm acesso à água e sabão, é inócuo. E o problema das medidas as mais adequadas de prevenção está justamente no limite de ‘para quem’ se destinam e, se estes podem segui-las.

Pouco depois de adotada a suspensão das aulas presenciais passamos a reunir os IC-EM de cada uma das duas escolas em um único grupo remoto local e conversamos sobre os

limites deste formato e congêneres. Neste grupo os temas planejados ou que emergiram do campo foram tratar das condições que abalam a saúde, especialmente a saúde mental, e não são de cunho meramente individual tais como as de classe, raça-etnia, gênero e idade: a discriminação étnico-racial genericamente dada como *'bullying'*; a volta dos movimentos sociais no Brasil com o movimento negro; humanidade e meio ambiente em uma perspectiva krenakiana, na qual Krenak (2020), em livro escrito já na pandemia da Covid-19, mostra seu povo integrado ao ambiente; a periferização dos efeitos *'da pandemia'*; o desemprego de jovens na pandemia; o assédio (termo utilizado nas ETECs) principalmente de homens mais velhos às meninas mais jovens; os padrões corporais, a gordofobia e este preconceito; a iniciação sexual e a importância do consentimento entre parceiros íntimos.

Houve, também, o debate sobre quais seriam os formatos acessíveis para a disseminação do estudo preliminar nas comunidades escolares. Na escola técnica o formato escolhido para a disseminação foi inicialmente o da transmissão de vídeo ao vivo, a popular *'live'*, e os IC-EM optaram, também, pelos vídeos curtos nas redes sociais. A primeira *live* de devolutiva foi realizada na Semana Tecnológica da escola, com o tema da discriminação entre os estudantes de ensino médio e seus efeitos para a saúde mental, visando promover a aceitação da diversidade; porque os IC-EM consideraram este tema prioritário.

Em paralelo foram montados, também, mais dois subgrupos com equipes reduzidas para produzir *'vídeos curtos'*, e fáceis de disseminar pelo celular, o equipamento mais utilizado pelos estudantes (SILVA, 2019; CGI, 2014, PAIVA et al 2021). Os IC-EM se debruçaram mais intensamente sobre as questões: *'conservadorismo religioso x educação sexual nas escolas'*, desigualdade de gênero nas tarefas e cuidados domésticos, identidade de gênero e racismo.

Com a chegada de 2021 houve a vinculação de novos IC-EM³ e um processo de consentimento e assentimento foi feito com eles. Os IC-EM da turma nova e da antiga participaram de uma integração e debatemos prós e contras da volta às aulas nas modalidades remota e/ou presencial. Realizamos grupos formativos em pesquisa, relacionados com temas do cotidiano dos IC-EM *'na pandemia'*: desemprego de jovens e políticas públicas, articulação comunitária, atenção aos usuários de drogas, pornografia, internet e redes sociais, etnografia e lutos. Em uma leitura do texto de Pollo (2021) debatemos para além dos grandes lutos ou do primeiro grande luto da vida, sobre a

exigência dos pequenos lutos que se impuseram com a alteração das rotinas na pandemia, bem como tematizamos a socialização intergeracional, teorias e práticas de pesquisa e variabilidades das vulnerabilidades de certos grupos na pandemia, educação sexual na escola e saudade em tempos de pandemia.

Nos subgrupos de produção de vídeos curtos, o vídeo feito com o tema da educação sexual nas escolas foi finalizado e articulamos com os IC-EM e a coordenação escolar sua disseminação. O intuito foi o de disponibilizar um contraponto ao clima de conservadorismo religioso que foge do assunto, vulnerabilizando crianças, adolescentes e jovens às situações de ‘assédio’, por não utilizar nomes corretos para situações abusivas e, também, por evitar falar nas experiências prazerosas e diversas. Para divulgar o vídeo por eles denominado de “Educação é o melhor contraceptivo?”, além do formato para ‘celular’ fomos convidados pela coordenação escolar a atingir mais camadas da comunidade. E assim foi realizada uma segunda live regional, na *Semana Paulo Freire* da ETEC, inspirada no legado de Paulo Freire para a educação e, que, vêm sofrendo ataques por iniciativas dos que não dialogam, e se valem do ‘anúncio do diálogo’, para impor uma visão de mundo unilateral. Paulo Freire traz inspiração para o grupo de pesquisa temático com sua proposta de ‘viabilidades não-testadas’ Paiva et al (2021).

Apesar do bom relacionamento entre equipe de pesquisa, IC-EM e coordenação da escola na qual as *lives* foram apresentadas, a coordenadora demonstrou que o simples fato de manter a realização da *Semana Paulo Freire* desagradava a alguns pais. Em nossas conversas concluímos: isso parte de iniciativas isoladas de alguns poucos pais barulhentos, que desdenham do legado crítico de Paulo Freire. Autor nacional reconhecido no mundo todo, do campo da educação e que confrontou o mero saber de autoridade Freire (2005) enfrentou dicotomias, se debruçou sobre o diálogo, seus elementos constitutivos e suas derivações na transformação do mundo. Percebeu a “palavra oca”, esgotada de sua dimensão de ação, ‘palavreria’, ‘verbalismo’ e ‘blablablá’, e ao mesmo tempo desconfiou do ativismo que impossibilita o diálogo, aquele da “ação pela ação”. Freire (2005) estava atento à ‘pronúncia de mundo’ por todos que quisessem o diálogo e a reconquista de dizer suas palavras. Em seus termos ‘as práticas de dominação’ e o ‘oprimir’ são incompatíveis com as práticas de liberdade.

Saindo das diferenças intrínsecas e esta ou aquela exegese conceitual, há um blefe característico do poder no sentido da opressão, da dominação, nas práticas concretas. Em se tratando dos deslumbramentos que o poder traz, Deleuze e Guattari (1996) colocam a questão: o que torna o poder tão perigoso senão sua própria impotência? E a partir desse questionamento mostram que o poder carrega consigo esburacamentos característicos, pois conta com uma totalidade que não atinge. Como se ao fazer a pose de poder passasse a ter alguma capacidade de mudança sobre o campo da pose. Estanca as mutações recobrando-as com seus sobrecódigos, procede por algo como a retórica de teocrata, o papo de ‘boy lixo’, o demagogo de boteco e o imperialista War de departamento. Porém, os buracos continuam ali, sendo ultrapassados só no nível de sua própria performance e muito pouco ou nada na constituição e solução dos problemas. É da impotência para a mudança que justificativas ‘do poder’, como a baixa quantidade de mortes das pessoas novinhas, serve para dar verniz cientificista para análises parciais que ignoram efeitos sistêmicos: “o número de óbitos por COVID-19 entre 0 e 19 anos corresponde a 0,2% do número total”, deu a impressão de estar ‘tudo bem’ para a volta às aulas presenciais em agosto, com 1m de distância entre as pessoas (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021, p. 01). Com esse tipo de notícia do Diário Oficial de julho de 2021, que apresenta diretrizes vagas no lugar de protocolos e vacinação para todos, professores, alunos e pais revoltados, desconfiam que esse tipo de artimanha totalizante não se importa tanto assim com suas vidas quanto anuncia. Gestores leais à defesa da vida dos outros, também.

Com o passar do tempo e o agravamento da pandemia, certos IC-EM mostraram incompatibilidades de permanência no projeto. Alguns por trabalho remunerado, tarefas de aprendizado e momentos de lazer independentemente de gênero. Para meninas, por questões de trabalho doméstico e cuidado de irmão menor, principalmente. Além das restrições comuns no compartilhamento dos dispositivos de acesso à internet com outras pessoas da família e coabitação, dificuldade de conexões, e manutenção “sem cair”, durante as chamadas de vídeo (e voz ou chat), comuns aos pesquisadores; o acesso à internet permitiu e permite manter a pesquisa com formato que previne a Covid-19. Os IC-EM contaram, também, como foram afetados pelo cansaço das aulas, e pela privação de lazer e dos encontros presenciais e seguros com os amigos, pois ‘tudo’ passou a ser *on-line*. Entretanto foram repetidas as menções dos IC-EM sobre a importância que participar dos

encontros remotos de pesquisa teve em suas vidas, tanto em aspectos de prevenção física como de saúde mental, pois os encontros de pesquisa serviram também como espaço de socialização, acolhimento e suporte durante a pandemia.

Por isso há a necessidade de acompanhar os estudantes de perto. Em Sorocaba, a pesquisa de doutorado em tela se coloca atenta ao vivido em campo, no acompanhamento dos encontros com estudantes da IC-EM. Entre o nivelamento das preconizações e o que pode ser feito conforme a singularidade MDH ‘de cada um’ há uma linha muito fina. Um IC-EM contou de seus compromissos religiosos, que persistiram presencialmente durante o período mais letal da pandemia, na ocasião considerou as divergências entre saberes científicos, religiosos e sua independência relativa junto à família, e ele mesmo optou por reduzir essas atividades presenciais. E em sua conciliação entre ciência e religião, além de ter dito aderir ao uso de máscaras em encontros com mais pessoas, mostrou ter mudado hábitos: *“agora tiro o tênis para entrar em casa”, “lavo mais as mãos”, “tomo mais banho”, “eu fiquei mais higiênico”*.

Os percalços da dependência dos hábitos de adultos para a prevenção no seu círculo de convivência foram queixas comuns, uma IC-EM contou ter dito: *“pai coloca a máscara!”*, tentando assegurar sua saúde e na sequência queixou-se: *“não adianta falar, ele não coloca!”*. Como se o uso da máscara fosse um demérito da intangibilidade pessoal, uma derrota. Sentidos bem diferentes para dois medos, o medo da doença e o medo perder a personalidade autorreconhecível.

Para alguns destes estudantes de ensino médio, encontrar meios de resistir, de escapar das práticas autoritárias intergeracionais de dentro de sua cultura e possibilidades de coabitação é um exercício constante, que pede por apoio e amizade, ainda que *on-line*. Neste sentido do ‘educar em pesquisa’ há uma convergência com a ‘educação menor’ de Gallo (2002, 2003), pois já não há mais organização estanque de disciplinas que redundam na compartimentalização do saber, mas a construção do conhecimento como um todo integrado, atento aos fluxos que rompem com o predeterminado e fazem surgir ‘outras possibilidades de mundo’. Assim não se trata apenas de anunciar alguma possibilidade do novo, mas de produzi-lo de dentro, nas situações vividas com os estudantes que estão ali. Desta maneira, as noções de integração dos saberes de Gallo (2003) e de integralidade da prevenção de Ayres, Paiva e França Júnior (2012) são postas em comum.

Atualmente as pesquisas temática e de doutorado em andamento seguem seus cronogramas repactuados, com modificações perante a incerteza da modalidade de pesquisa remota, presencial ou híbrida, conforme o mais viável para a comunidade escolar, os pesquisadores da universidade e cada um dos grupos de campo ou intercâmbios de pesquisa. Ao mesmo tempo há alguma expectativa de que, com a vacinação, os encontros presenciais, ou híbridos, possam voltar a ocorrer, se em segurança. Como têm ocorrido, no formato híbrido, em uma nova escola de ensino médio regular que passou a integrar a pesquisa em setembro de 2021.

Considerações finais

Talvez após a viabilização das vacinas e desta imunização para todos/as/es, o que muitos IC-EM da escola técnica tanto almejaram quando prestaram o ‘vestibulinho’ possa enfim ocorrer. Entrar na escola técnica não era apenas para ter o diploma, mas para poder ter acesso àquelas experiências coletivas escolares, às gincanas, aos eventos culturais e esportivos, à convivência, aos passeios com os amigos, a ver as pessoas por quem se sentem atraídos/as/es por perto e, também, a estudar, se preparar para o mundo do trabalho e/ou da universidade, mas antes disso, viver o processo. Uma IC-EM do segundo ano disse *“eu entrei na escola, mas eu não ‘entrei’, veio a pandemia e tudo o que eu queria fazer não pude”*. Frustrante é o mínimo dessa pandemia, não há como “gostar” disso. E nem dessas alterações drásticas de rotina, que estão muito além da propagação do vírus, com tantas mortes e agravos evitáveis, não fosse o conluio predador da coisa pública. Retomando Deleuze e Guattari (1996) eis o ‘desgosto’ interior à experiência dos IC-EM com o SARS-CoV2 que, ao seu próprio modo, enfrentaram: o medo, ‘a clareza’, o poder e o desgosto.

Neste campo de pesquisa, alguns IC-EM mostraram dificuldades na manutenção das medidas de prevenção à Covid-19, não por estarem em lugares tão empobrecidos, mas por viverem em um contexto no qual estão submetidos aos relacionamentos de dependência com seus familiares e pessoas próximas que negam pressupostos científicos de prevenção à Covid-19. Uma IC-EM demonstrou querer usar máscaras e estar disponível para implantar as medidas de prevenção à Covid-19 em sua casa, mas seu pai mostrou não se preocupar e até negar às medidas de prevenção. Estar em casa foi visto como um perigo intransponível de contaminação, com o pai que não se permitiu, naquele momento, a aprender com a filha. De

outro modo um IC-EM demonstrou um confronto entre sua bagagem multicultural religiosa e científica, e se reorganizou com as medidas preventivas, dentro de suas crenças religiosas. Outros pais se propuseram ao diálogo e criaram estratégias preventivas junto com os filhos, e os filhos, por sua vez, preocuparam-se com as práticas de prevenção na tentativa de evitar contaminar, por exemplo, aos seus avós, com as famílias trocando procedimentos educativos entre uns e outros da casa. Essa nuance MDH foi dada na formação dos IC-EM para a pesquisa conforme puderam integrar os aprendizados preventivos com outras ocasiões de suas vidas.

Além das alterações no uso das coisas, com o que Deleuze e Guattari (1996) poderiam chamar de ‘microgestão dos pequenos medos’, os IC-EM, estudantes, filhos, disseram, de maneira recorrente, que a saudade de encontrar os amigos e a família estendida foi frequente na pandemia, a saudade das aulas presenciais, das conversas de corredor, de participar das gincanas, de praticar esportes, de namorar, de sair com os amigos, e sair de casa sem se preocupar em adoecer, em se contaminar ou contaminar aos outros. No entanto, há um contentamento, apesar da vulnerabilidade à contaminação e do medo de se contaminar, ou do cansaço com as higienizações e o constante uso de equipamentos de proteção, com a constatação de permanecer vivendo.

Buscamos uma educação para a pesquisa que supere o sectarismo, com bagagens teóricas e práticas passíveis de serem conectadas às potências desejantes dos IC-EM. A análise no referencial deleuzoguattariano revelou que o apoio aos IC-EM contribuiu para o enfrentamento dos perigos desta pandemia. Neste contexto, a experimentação forçada com o SARS-CoV2 mostrou que o medo, ‘a clareza’, o poder e o desgosto, sobre os efeitos da Covid-19 correlativos aos explicitados por Deleuze e Guattari (1996), propiciaram a promoção de saúde e o educar para o extracampo da pesquisa.

Referências

AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; FRANÇA JÚNIOR, Ivan. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; BUCHALLA, Cássia Maria (Org.). **Direitos Humanos e Vulnerabilidade na Prevenção e Promoção da Saúde**. Curitiba. Juruá. 2012. p. 71-94.

Comitê Gestor da Internet no Brasil [CGI.BR]. Proporção de crianças e adolescentes, por tipos de equipamentos utilizados para acessar a internet. In: **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC kids online Brasil. São Paulo: CGI.BR.

2014. p. 144. Disponível em: <https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2014/>. Acesso em: 03 set. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1933 – Micropolítica e segmentaridade. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS). p. 83-115.

SÃO PAULO (Estado). Atos normativos. Decreto N° 65.849, de 6 de julho de 2021. Altera a redação do Decreto N° 65.384, de 17 de dezembro de 2020, que dispõe sobre a retomada das aulas e atividades presenciais no contexto da pandemia de COVID-19 e institui o sistema de Informação e Monitoramento da Educação para COVID-19, e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP)**: seção 1: Poder Executivo, São Paulo, v. 131, n. 130, p. 01, 07 jul. 2021. Disponível em: http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav_v6/index.asp?c=30713&e=20210707&p=1. Acesso em: 08 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade, essência da educação como prática da liberdade. In: **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 89-91.

GALLO, Silvio. **Deleuze e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 98 p.

HORTON, Richard. COVID-19 in Brazil: “So what?”. **The Lancet**, London, v. 395, n. 10235, p. 1461, maio 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31095-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31095-3). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31095-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31095-3/fulltext). Acesso em: 08 maio 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020. 22 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Mental health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak. Geneva, v. 1, p. 1-6, mar. 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_10. Acesso em: 10 abr. 2020.

ZIEGLER, Maria Fernanda. **Aids avança entre os jovens em cenário de cortes na saúde, alerta pesquisadora**. Agência FAPESP, São Paulo, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/aids-avanca-entre-os-jovens-em-cenario-de-cortes-na-saude-alerta-pesquisadora/32210/>. Acesso em: 09 set. 2019.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla et al. Youth and the COVID-19 crisis: aiming at human-rights based responses in Brazil, **Global Public Health**, v. 16, n. 8-9, p. 1457-1467, London, 2021.

POLLO, Luíza. **Porque é importante reconhecer o luto pelas ‘pequenas’ perdas na pandemia**. TAB(UOL), São Paulo, 24 mar. 21. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/24/por-que-e-importantereconhecer-o-luto-pelas-pequenas-perdas-na-pandemia.htm?>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Notas

1 Com o apoio de FAPESP, CNPq, e também Capes e recursos das instituições envolvidas.

2 Bolsista Treinamento Técnico III processo no 2019/19524-6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na modalidade no projeto temático processo no 2017/25950-2.

3 Número em revisão conforme editais disponíveis da Pré-Iniciação Científica da USP.

Agradecimentos

Aos que apoiaram o retorno da autora ao mundo acadêmico.

Aos estudantes da Iniciação Científica do Ensino Médio, aos colegas da equipe de pesquisa e à coordenação do projeto temático.

Sobre os autores

Simone Cristina de Amorim

Psicóloga (2006) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Título de Especialista “Psicologia em Saúde” pelo Conselho Federal de Psicologia (2018). Especialista em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo (2015). Doutoranda no PPG em Educação da Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba (UFSCar-So). Integrante do Núcleo de Estudos Para a Prevenção da Aids (NEPAIDS/USP), do Grupo de Pesquisa "Saúde Mental e Sociedade" e do Grupo de Estudos “Feminismos, Sexualidade e Política” (UFSCAR).

E-mail: sim.psicologa@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0897-6484>

Marcos Roberto Vieira Garcia

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1992), mestrado e doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2007). É professor associado do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e professor permanente do PPG em Educação da UFSCar - campus Sorocaba e do PPG em "Estudos da Condição Humana" da UFSCar; coordenador do Grupo de Pesquisa "Saúde Mental e Sociedade" (UFSCAR) e integrante do Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (NEPAIDS/USP).

E-mail: marcosvieiragarcia@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5668-2923>

Recebido em: 12/09/2021

Aceito para publicação em: 03/10/2021